

BELATTO, Vanessa. **Contação de Histórias**. 2016. 30 folhas. Projeto final de ensino, curso especialização em contação de histórias- Santa Rita-Palmitos

## **RESUMO**

O PRESENTE PROJETO TEM POR FINALIDADE A CONTRIBUIÇÃO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL. AS HISTÓRIAS REPRESENTAM INDICADORES EFETIVOS PARA SITUAÇÕES DESAFIADORAS, ASSIM COMO FORTALECEM VÍNCULOS SOCIAIS, EDUCATIVOS E AFETIVOS. PORTANTO, SE FAZ NECESSÁRIO QUE OS PROFESSORES UTILIZEM ESSA FERRAMENTA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA, DESPERTANDO PEQUENOS LEITORES E ESTIMULANDO PARA O MUNDO DA IMAGINAÇÃO.

**Palavras-chave:** Contação de histórias. Imaginação. Criatividade. Diversidade. Aprendizagem.

## SUMÁRIO

1 Introdução.....	4
2 Revisão Bibliográfica .....	6
3 Processo de Desenvolvimento do Projeto de Ensino.....	17
3.1 Tema e linha de pesquisa.....	17
3.2 Justificativa.....	17
3.3 Problematização.....	17
3.4 Objetivos.....	18
3.5 Conteúdos.....	19
3.6 Processo de desenvolvimento.....	19
3.7 Tempo para a realização do projeto.....	24
3.8 Recursos humanos e materiais.....	24
3.9 Avaliação.....	24
4 Considerações Finais.....	25
5 Referências.....	27
6 Anexos .....	29

## 1 INTRODUÇÃO

Vivemos um período em que a mídia e as tecnologias estão cada vez mais acessíveis às crianças; as informações chegam pelos meios de comunicação ampliando os horizontes e os conhecimentos. Os livros estão sendo deixadas de lado, as histórias estão sendo esquecidas, o que torna um desafio para o educador fazer com que as crianças em idade escolar tomem gosto pela leitura.

A contação de história nas escolas era uma forma de distrair as crianças e hoje vem ressurgindo a figura do contador de histórias. De acordo com vários estudiosos, a contação de histórias é um precioso auxílio à prática pedagógica de professores na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A contação de história instiga a imaginação, a criatividade, a oralidade, incentiva o gosto pela leitura, contribui na formação da personalidade da criança envolvendo o social e o afetivo.

Sabemos que nem sempre “contar histórias infantis” nas creches e escolas de ensino fundamental é uma prática estimulada e valorizada, de modo que os alunos ouçam histórias, ou seja, o próprio professor pode não valorizar histórias infantis e isso, então, irá levá-los a crescer com essa desvalorização dos contos. Também os futuros professores podem revalorizar a contação de histórias, mostrando que isso é muito importante no desenvolvimento da criança. Com essa atividade, ela usa a sua imaginação, ou seja, cria seu próprio mundo, o “das fantasias”. O professor pode alcançar muitos objetivos por meio dela, pois ler histórias para criança é uma atividade prazerosa, com a qual poderá fazê-la expressar suas próprias percepções de mundo.

Levar o faz de conta até as crianças é sustentar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a muitas perguntas, é encontrar idéias para solucionar questões, é uma possibilidade de descobrir o mundo intenso de conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos através dos problemas que de acordo com as possibilidades vão sendo enfrentados e resolvidos pelos personagens de cada história.

É ouvindo histórias que se podem sentir importantes emoções, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem estar, o medo, a alegria, a insegurança, vivendo profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve, com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas pode despertar nos

pequenos ouvintes, além de ser um recurso valioso e agradável para a predisposição à aprendizagem e para sua complementação.

A literatura infantil pode ser usada como recurso lúdico desenvolvendo na criança um comportamento prazeroso. É preciso tornar as crianças familiarizadas com os livros, orientando-as quanto ao manuseio e à sua conservação, já que com as histórias elas aprendem brincando a respeitar regras, se divertirem, seja através da imitação, socialização, interação ou dificuldade a ser superada.

Buscando estratégias em relação às metodologias que utilizam a ludicidade para a promoção da aprendizagem. Decidi pelo tema relacionado à contação de histórias com o intuito de trabalhar a contação de história, com metodologias diferentes mas que tem total conjunção com o tema.

A falta de expressividade do professor garante-lhe muitas vezes o fracasso na comunicação com os alunos, no estabelecimento da relação afetiva propícia à aprendizagem e outros fatores relevantes para o processo educativo. Diante dessa realidade educativa, que se mostra fragmentada e que pouco favorece a aprendizagem, faz-se fundamental buscar novas alternativas metodológicas que possibilitem ao professor o desenvolvimento de habilidades e competências para trabalhar com a linguagem oral e, através dela, garantir o acesso dos seus alunos à cultura, como um bem universal a ser usufruído e desencadeador da produção de novos conhecimentos.

Com a hipótese de que contar histórias pode ser uma metodologia eficiente no processo educativo possibilitando uma relação afetiva e lúdica que se contextualiza e amplia-se com a linguagem. Afinal, será que ouvir e ler história é fundamental para a ampliação da possibilidade de aprendizagem significativa e uma forma metodológica enriquecedora e promotora de mudanças?

## 2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A história é uma arte de suma importância nas nossas vidas, através delas conhecemos fatos, adquirimos experiências e nos despertamos para hábitos de leitura. Segundo Busatto (2006, p 74): “A intenção de inserir a história no contexto escolar é de propiciar, cultura, conhecimento, princípios, valores, educação, ética, além de contribuir para uma boa construção de relacionamentos afetivos saudáveis, como: carinho e afeto bons tratos, cuidados pessoais, reeducação alimentar, autoestima, onde as crianças têm prazer em ouvir e desta forma alcançando seus objetivos.

Através das histórias o educador pode estimular as crianças e despertar o gosto pela leitura, pois como diz Villardi, 1997, não basta ensinar a ler, é preciso ensinar a gostar de ler, com prazer isto é possível, e mais fácil do que parece, autoconhecimento e convivência social, isto tudo é possível com uma história contada com muita arte, que será fundamental para uma vida feliz e saudável, e para o fortalecimento das crianças na sociedade e inibir a violência, contribuindo diretamente para a formação do caráter e da personalidade e indiretamente para a sobrevivência do homem”.

A contação de histórias propicia a criança inúmeras possibilidades de se desenvolver, ela promove a interação, instiga a imaginação e também é a oportunidade que muitas crianças tem de ter contatos com livros. É importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo.

Contar história desenvolve as possibilidades de apreensão dos significados do mundo em que os jovens estão inseridos. Este projeto pode auxiliar na aprendizagem por apresentar características únicas de descontração, atenção, alegria entre outras tantas habilidades que possam fazer o aluno apreender o sentido das coisas pelo modo lúdico. Sobre isso, Abramovich, diz “O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatralizar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer dum texto criar asas e estimular a aprendizagem” (ABRAMOVICH, 1994, p. 23).

Ou seja, tanto a criança quanto o jovem desenvolve-se seu ser se for

estimulada exteriormente e a contação de história viabiliza esta interação colocando ambos em confronto consigo mesma para distinguir o real do imaginário. Dentre as habilidades desenvolvidas pelos mesmos através do que houve nas histórias são destacadas por Dohme (2005, p.19) alguns aspectos relevantes, tais como:

- Caráter: as histórias com heróis, conteúdos que proporcionam lições de vida, fábulas em que o bem prevalece sobre o mal. Por meio das histórias, principalmente, os meninos se defrontam com situações fictícias e com isso adquirem vivências e referências para montar os seus próprios valores;

- Raciocínio: as histórias mais elaboradas, os enredos intrigantes, agitam o raciocínio da criança e do jovem;

- Imaginação: o exercício da imaginação traz grande proveito aos jovens, porque atende a uma necessidade muito grande que eles têm de imaginar. As fantasias não são somente um passatempo; elas ajudam na formação da personalidade na medida em que possibilita fazer conjecturas, combinações, visualizações como tal coisa seria “desta” ou de “outra” forma.

- Criatividade: uma vez que a criatividade é diretamente proporcional à quantidade de referências que cada um possui, quanto mais “viagens” a imaginação fizer, tanto mais aumentará o “arquivo referencial” e, conseqüentemente, a criatividade.

- Senso Crítico: as histórias atuam como ferramentas de grande valia na construção desse senso crítico, por meio delas os alunos tomam conhecimento de situações alheias à sua realidade, uma vez que podem “navegar” em diferentes culturas, classes sociais, raças e costumes.

- Disciplina: é entendida como aceita e praticada espontaneamente pela criança/jovem e não como algo imposto inquestionavelmente pelo educador. No momento que se trabalha com o que realmente gosta, quando sente que foi preparada especialmente para elas, as chances de se ter posturas atentas e participativas aumentam muito.

É bom saber que uma história bem contada surpreende as pessoas, tem o poder de quebrar a rotina e trazer a magia à tona; estimula-se a criatividade, rompem-se barreiras, desvendam-se mistérios, abrem-se portas e pode ser tão especial e marcante para o ouvinte que chega a influenciar na sua maneira de pensar e agir.

E sobre este encantamento, novamente o autor afirma, “Para contar

uma história é preciso saber como se faz, afinal podem se descobrir sons e palavras novas, e por isso é importante que se tenha uma metodologia específica. É preciso que quem conte, crie um clima de envolvimento, de encanto, e saiba dar pausas necessárias para que a imaginação da criança possa ir além e construir seu cenário, visualizar seus monstros, criar os seus dragões, adentrar pela sua floresta, vestir a princesa com a roupa que está inventando, pensar na cara do rei... e tantas outras coisas mais..." (ABRAMOVICH, 1994, p. 20). Daí a necessidade de se planejar bem todos os passos desse projeto, desde à apresentação à execução das tarefas.

O ato de contar história é possível em todas as fases de desenvolvimento do ser humano, dessa forma, "o impulso de contar histórias deve ter nascido no homem no momento em que ele sentiu necessidade de comunicar aos outros, certa experiência sua, que poderia ter significação para todos." COELHO (2000, p.13).

A contação de história como estímulo para a aprendizagem nos remete aos concertos de leitura de Alves (2006, p. 61) quando afirma:

Penso que, de tudo o que as escolas podem fazer com as crianças e jovens, não há nada de importância maior que o ensino do prazer da leitura. Todos falam na importância de alfabetizar, saber transformar símbolos gráficos em palavras. Concordo. Mas isso não basta. É preciso que o ato de ler dê prazer. As escolas produzem, anualmente, milhares de pessoas com habilidade de ler, mas que, vida afora, não vão ler um livro sequer. Acredito piamente no dito do evangelho: "No princípio está a Palavra..." É pela palavra que se entra no mundo humano.

A criança no processo de alfabetização precisa de algo prazeroso para construir seu conhecimento, as histórias nos possibilitam alfabetizar e letrar. O processo de aquisição da leitura e da escrita é parte fundamental no processo de alfabetização. Nesse período a criança tem uma enorme facilidade de aprender, pois possui uma grande capacidade de imaginação. Atualmente podemos perceber que, os professores estão preocupados em ensinar o aluno a ler e escrever apenas decodificando os códigos, porém há um grande déficit no formar um aluno letrado.

Alguns objetivos que mostram a importância do processo de alfabetização: Mostrar a importância de contar histórias e como através dela a criança irá adquirir um hábito pela leitura, e conseguirá desenvolver suas capacidades linguísticas. Identificar como a contação de história contribui para o processo de alfabetização e letramento. Descrever a finalidade da contação de história no processo de alfabetização. Indicar aspectos que auxiliam e possibilitam o hábito e o gosto pela

leitura. “ a arte de contar história é um valioso instrumento no processo educativo. Além de favorecer a socialização, quando os alunos sentam em roda, eles ouvem a história, comentam, opinam. Aprendem a ouvir o outro falar, aprendem a falar e expressar-se”

A leitura de história é um hábito permite a formação de um leitor atento e sensível e capaz de compreender e interpretar textos além de enriquecer o vocabulário e auxiliar o desenvolvimento da correta ortografia.

Em qualquer situação de aprendizagem, o sujeito dispõe de capacidades cognitivas, motriz, de relacionamento interpessoal, possui estratégias de ação, habilidades que poderão permitir certo nível de compreensão e realização da atividade que está sendo desenvolvida. São enfoques que variam de acordo com o sujeito, com a sua motivação, o seu interesse pela tarefa, a metodologia aplicada, o grau de afetividade que envolve esse processo, o vínculo estabelecido entre o que se aprende e o desejo e prazer de aprender.

A importância, a necessidade de promover atividades que provoquem no sujeito o desenvolvimento de habilidades e atitudes, permitindo-lhe a aquisição de conhecimentos, como também condições para refletir, analisar, sintetizar, classificar, categorizar, tornar-se autônomo quanto ao seu processo de aprendizagem, evidenciando que o ato de aprender é único, individual.

“Pegar um livro e abri-lo guarda a possibilidade do fato estético. O que são as palavras dormindo num livro? O que são esses símbolos mortos? Nada, absolutamente. O que é um livro se não abrimos? Simplesmente um cubo de papel e couro, com folhas; mas se o lemos acontece algo especial, creio que muda a cada vez”. (Jorge Luíz Borges) Engraçado como todas essas lembranças infantis ficam tão nítidas e duráveis. Talvez porque nas crianças a memória ainda está tão virgem e disponível que as impressões deixadas nela ficam marcadas de forma muito profunda. Talvez porque sejam muito carregadas de emoção. O poeta Carlos Drummond de Andrade fez mais de um poema lembrando seu deslumbramento ao descobrir outro clássico em cuja leitura mergulhava, o Robinson Crusuê. A romancista Clarice Lispector escreveu sobre a intensa felicidade que lhe proporcionou a leitura de, As Reinações de Narizinho um clássico brasileiro. O poeta Paulo Mendes Campos celebrou Alice no país das Maravilhas, do inglês Lewis Carroll, como uma das chaves que abrem as portas da realidade.

O crítico francês Roland Barthes descobriu nas leituras adolescentes da

mitologia grega um fascínio pelos argonautas e seu navio Argos, que o acompanhou por toda a vida- e esse mesmo mito do Velocino de Ouro exerceu seu magnetismo sobre o inglês Willian Morris e o argentino Jorge Luís Borges. Este, aliás, se confessou em débito com obras muitas vezes consideradas infanto-juvenis como Narrativa de Arthur Gordon Pym, de Edgar Allan Poe, O médico e o monstro, de Robert Louis Stevenson, e Moby Dick, de Herman Melville. O crítico inglês George Steiner confessa que desde a infância tinha as histórias do Antigo Testamento como “uma voz tutelar”.

O romancista norte-americano Ernest Hemingway nunca escondeu sua admiração incondicional pelo clássico juvenil As Aventuras de Huck (Huckleberry Finn), de Mark Twain, que leu na adolescência.

O jurista Evandro Lins e Silva se revela eternamente marcado pelos contos de fadas que sua mãe lhe contava e pelo que ela conversava com ele a respeito dos livros que lia. O romancista José Lins do Rego foi tão influenciado pelas histórias tradicionais ouvidas de uma ex-escrava, no engenho, que, ao se tornar escritor, marcou a literatura brasileira com os traços da oralidade.

O autor italiano Umberto Eco revela seu encantamento com as nuances narrativas da abertura de Pinóquio, que desde criança fazem o pequeno leitor se perguntar: “mas esse cara aí está falando assim diretamente só comigo ou com todo mundo?”.

(...) esses diferentes livros foram lidos cedo, na infância ou adolescência, e passaram a fazer parte indissociável da bagagem cultural e afetiva que seu leitor incorporou pela vida afora, ajudando-o a ser quem foi. (...) a infância é uma fase extremamente lúdica da vida e que, nesse momento da existência humana, a gente faz a festa é com boa história contada. Não com sutilezas estilísticas, jogos literários ou modelos castiços do uso da língua- que poderão, mais tarde, fazer as delícias de um leitor maduro.

Se o leitor travar conhecimento com um bom número de narrativas clássicas desde pequeno, esses eventuais encontros com nossos mestres da língua portuguesa terão boas probabilidades de vir a acontecer quase naturalmente depois, no final da adolescência. E podem ser grandemente ajudados na escola, por um bom professor que traga para sua classe trechos escolhidos de algumas de suas leituras clássicas preferidas, das quais seja capaz de falar com entusiasmo e paixão. (...) Monteiro Lobato, por exemplo, dizia que obrigar alguém a ler um livro, mesmo

que seja pelas melhores razões do mundo, só serve para vacinar o sujeito para sempre contra a leitura.

“1. Ninguém tem que ser obrigado a ler nada. Ler é um direito de cada cidadão, não é um dever. É alimento do espírito. Igualzinho a comida. Todo mundo precisa, todo mundo deve ter sua disposição de boa qualidade, variada, em quantidades que saciem a fome. Mas é um absurdo impingir um prato cheio pela goela abaixo de qualquer pessoa. Mesmo que se ache que o que enche aquele prato é a iguaria mais deliciosa do mundo.

2. Clássico não é livro antigo e fora da moda. É livro eterno que não sai da moda.

3. Tentar criar gosto pela leitura, nos outros, por meio de um sistema de forçar a ler só para fazer prova? É uma maneira infalível de inocular o horror a livro em qualquer um.

4. O primeiro contato com um clássico, na infância e adolescência, não precisa ser com o original. O ideal mesmo é uma adaptação bem feita e atraente.”

## MUNDOS DESCOBERTOS E SONHADORES

### ENCANTOS PARA SEMPRE

É que Andersen diferentemente de Perrault e dos irmãos Grimm, não se limitou a recolher e recontar as histórias tradicionais que corriam pela boca do povo, fruto de uma criação secular coletiva e anônima. Ele foi mais além e criou várias histórias novas, seguindo os modelos dos contos tradicionais, mas trazendo sua marca individual e inconfundível: uma visão poética misturada com profunda melancolia. Assim, seu livro, além de contos de fadas compilados nos países nórdicos, trazia também novidades como O Patinho Feio, A Roupa Nova do Imperador, Polegarzinha, A Pequena Sereia, O Soldadinho de Chumbo, O Pinheirinho e tantas outras.”

Mexer neles é alterar esse sentido. Muitas vezes, equivale a transformar a nova versão em alguma coisa esdrúxula, sem pé nem cabeça. Ler uma narrativa literária (como ninguém precisa ensinar, mas cada leitor vai descobrindo à medida que se desenvolve) é um fenômeno de outra espécie. Muito mais sutil e delicioso. Vai muito além de juntar letras, formar sílabas, compor palavras e frases, decifrar seu significado de acordo com o dicionário. É um transporte para o outro universo, onde o leitor se transforma em parte da vida de um

outro, e passa a ser alguém que ele não é no mundo cotidiano. Outra camada profunda que fica latente sob a linguagem simbólica dos contos de fada tem a ver com os desejos, medos e anseios do ser humano em geral, independentemente de época, classe social, nacionalidade. Daí seu imenso valor psicanalítico, já que por muito tempo eles constituíram a forma mais cômoda e acessível para que as crianças e as pessoas mais simples pudessem elaborar simbolicamente suas ansiedades, angústias e seus conflitos íntimos. Como demonstrou Bruno Bettelheim em *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. (p. 79) Essas histórias sempre funcionaram como uma válvula de escape para as aflições da alma infantil e permitiram que as crianças pudessem vivenciar seus problemas psicológicos de modo simbólico, saindo mais felizes dessa experiência. Davam-lhes a certeza de que no final tudo acabava bem e todos iam ser felizes para sempre. (...) Entendidas e aceitas em sua linguagem simbólica, essas histórias de fadas tradicionais se revelam um precioso acervo de experiências emocionais, de contatos com vidas diferentes e de reiteração da confiança em si mesmo. No final o pequenino se dá bem e o fraco vence. A criança pode ficar tranquila com ela há de acontecer o mesmo. Um depois do outro, esses contos vão garantindo que o processo de amadurecimento exista, que é possível ter esperança em dias melhores e confiar no futuro.

Conhecer os contos de fadas, além de tudo, permite também que se possa aproveitar plenamente sua ampla descendência, já que esse gênero foi um dos mais fecundos no imaginário popular. Não apenas em novelas e filmes que continuam contando a história de Cinderela ou do Patinho Feio em outra embalagem, mas na própria literatura que a eles volta inúmeras vezes, seja por reimersão e reinvenção desse universo (como fizeram a inglesa Ângela Carter e a brasileira Marina Colasanti), seja como pretexto para inspiração (basta lembrar os contos *A Bela e a Fera* de Clarice Lispector, ou *Fita Verde no Cabelo*, de Guimarães Rosa), seja como ponto de partida para paródias críticas e divertidas.

Entre nós, algumas boas obras da literatura infantil contemporânea seguiram essa vertente. É o caso de *Chapeuzinho Amarelo* (de Chico Buarque), *A Fada que Tinha Ideias* (de Fernanda Lopes de Almeida), *Procurando Firme* e *O Reizinho Mandão* (de Ruth Rocha), *Onde tem Bruxa tem Fada* (de Bartolomeu Campos de Queirós), *O Fantástico Mistério de Feiurinha* (de Pedro Bandeira), para só citar alguns dos mais conhecidos. A imensa carga de significados trazida pelos elementos do conto popular tradicional permite ao mesmo tempo uma grande economia

narrativa e uma boa densidade semântica, enriquecendo as possibilidades de se fazer uma paródia a eles e investindo-os de novos sentidos-como eu mesma verifiquei em livros com História Meio ao Contrário, Passarinho me Contou ou O Menino que Espiava para Dentro.

Como esses contos tradicionais são os clássicos infantis mais difundidos e conhecidos, a gente sabe que pode se referir a eles e piscar o olho para o leitor, porque ele conhece o universo de que estamos falando. Fica possível, então, fazer paródias aos contos de fadas e brincar com esse repertório, aprofundando uma visão crítica do mundo a partir de pouquíssimos elementos. Mas para que esse jogo literário possa funcionar plenamente, para que o humor seja entendido e a sátira seja eficiente, é indispensável que o leitor localize as alusões feitas, identifique o contexto a que elas referem e seja, então, capaz de perceber o que está fora de lugar na nova versão.

É como uma brincadeira. Não dá para brincar de “pequeno construtor” com quem nunca viu uma casa. Ou seja, nem que seja apenas para poder entender tanta coisa boa que vem sendo escrita hoje em dia a partir de uma reinvenção desse gênero, os contos de faz de conta continuam sendo um manancial inesgotável e fundamental de clássicos literários para os jovens leitores. Não saíram de moda, não. Continuam a ter muito o que dizer a cada geração, porque falam de verdades profundas, inerentes ao ser humano.

A música é a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio. (BRASIL, 1998). Sendo a música tão importante para o desenvolvimento da criança, faz-se necessário pensa-la como um recurso pedagógico pertinente para as atividades que serão trabalhadas pelos professores ao longo do ano letivo. Muitos alunos não gostam do envolvimento com a música. Isso é resultado de um trabalho sem objetivo, que se torna cansativo e maçante para os alunos.

Sons e ruídos estão impregnados no nosso cotidiano de tal forma que, na maioria das vezes, não tomamos consciência deles. Eles nos acompanham diariamente, como uma autêntica trilha sonora de nossas vidas. (MORAES, 2000)

A música faz parte do cotidiano da criança. É por meio da música que ela imagina, cria, se expressa, se desenvolve, se socializa e compartilha seus interesses. Trabalhar com música tem que ter uma finalidade um objetivo concreto,

lembrando que música pode ser considerada como todo tipo de som e expressividade.

Percebemos que a criação da situação imaginária ou a definição de regras específicas dentro da brincadeira, numa análise mais profunda, revela que as ações no brinquedo são subordinadas aos significados dos objetos, contribuindo para o desenvolvimento da criança. Sendo assim, a promoção de atividades que favoreçam o envolvimento da criança em brincadeiras tem nítida função pedagógica. Promover a experiência lúdica por meio de um jogo vai desenvolver a maturidade integral do aluno significando uma educação voltada para o desenvolvimento de suas competências.

Percebemos que há educação nos dias atuais busca favorecer a expressão lúdica e incorporar valores que diferem de uma formação tradicional, “séria” e rígida e essencialmente técnica. Porém estas mudanças, não ocorrem rapidamente, temos ainda que desprender dos vestígios tradicionais e isto leva alguns anos. No entanto, notamos que as transformações podem partir de nossas pequenas ações na sala de aula, ao compreender nossos alunos como sujeito ativo no processo de construção do conhecimento.

O que a criança aprende quando pequena, serve de base para uma aprendizagem superior. Ela não aprende de um dia para o outro, mas gradativamente. Portanto, deve-se trabalhar em grupo suas capacidades individuais, para que seja desenvolvido o convívio em grupo.

### **Dicas importantes para os contadores de histórias:**

Para começar a história o contador pode se utilizar de recursos como: cantar uma música, ler um poema, acender uma vela, tirar um pequeno objeto de um baú ou simplesmente sentar-se em silêncio;

Um bom contador de histórias tem que ter sempre várias delas na ponta da língua;

Recomenda-se que o contador aprenda a ideia central da história;

Um bom contador é fiel a história usando suas próprias palavras, com naturalidade e de um jeito só seu.

A voz assume grande importância no ato de contar histórias;

Uma narrativa interessante, que envolve todos, se faz com o uso de recursos vocais de modulação de voz (sons mais graves e mais agudos), variação de

intensidade (falar mais alto e mais baixo), onomatopeias (sons de vento, chuva, relógio, etc.). Essas variações vocais dão movimentos à palavra e ritmo à narrativa;

Música e instrumentos musicais podem ser usados para complementar a narrativa, estimulando a audição de maneira diferente do texto.

O olhar do contador estabelece um vínculo com seus ouvintes. O olho no olho é fundamental, é com o olhar que o contador pesca seus ouvintes;

A postura corporal também é muito importante: Manter a coluna ereta, não ficar balançando os pés, não coçar o nariz ou ficar arrumando muito o cabelo durante a narrativa!

Numa sociedade de imensa mecanização como a nossa, a contação de histórias faz refletir sobre qualidades esquecidas. A valorização do conhecimento transmitido pela oralidade recompõe o valor das experiências coletivas. O ofício de contar histórias é remoto (...) e por ele se perpetua a literatura oral, comunicando de indivíduo a indivíduo e de povo a povo o que os homens, através das idades, têm selecionado da sua experiência como mais indispensável à vida. (MEIRELES, 1979, p. 41)

O hábito de ouvir histórias desde cedo ajuda na formação de identidades; no momento da contação, estabelece-se uma relação de troca entre contador e ouvintes, o que faz com que toda a bagagem cultural e afetiva destes ouvintes venha à tona, assim, levando-os a ser quem são. “Contar histórias é uma arte porque traz significações ao propor um diálogo entre as diferentes dimensões do ser”.

Muitos educadores ainda não descobriram o quanto as histórias podem ajudá-los; muitos continuam utilizando as histórias, quando utilizam, apenas para acalmar os educandos e não vêem as várias possibilidades de uma boa história. O principal objetivo em contar uma história é divertir, estimulando a imaginação, mas, quando bem contada, pode atingir outros objetivos, tais como: educar, instruir, conhecer melhor os interesses pessoais, desenvolver o raciocínio, ser ponto de partida para trabalhar algum conteúdo programático, assim podendo aumentar o interesse pela aula ou permitir a auto identificação, favorecendo a compreensão de situações desagradáveis e ajudando a resolver conflitos. Agrada a todos sem fazer distinção de idade, classe social ou circunstância de vida.

Ao utilizar-se a contação de histórias, todos saem ganhando, sejam os

ouvintes, que serão instigados a imaginar e criar, seja o contador, que terá a oportunidade de recriar um ambiente de resgate da memória. E, ao pensarmos na escola, tanto os alunos como os professores terão uma aula muito mais atrativa e motivadora. Assim, quem mais sai ganhando é, na verdade, a sociedade, que receberá cidadãos mais criativos e capazes de conviver com a diversidade.

### **3 PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE ENSINO**

#### **3.1 Tema e linha de pesquisa**

O tema contação de histórias vai trabalhar com a imaginação, o pensamento, o criar, o buscar, é importante porque faz com que a criança descubra um mundo novo, aprendendo de uma forma diferente, através do lúdico, através de músicas, de rodas de conversas, de teatros, de fotografias.

O mundo hoje está ligado de uma forma em que todo mundo está conectado, está ligado. A criança está cada vez mais “avançada”, pulando etapas do seu viver. Criança é alegria, é brincar, é sinceridade, só que está deixando de lado essas partes, o aprender é importante, mas no tempo certo. Aprende-se desde cedo, é claro, mas aprender a ler e escrever precisa de um tempo e ninguém pode forçar isso, muito menos um professor, então ensinar de um jeito diferente, mesclando o aprender e o brincar, desenvolvendo o imaginário, o senso crítico, é essa uma das funções do meu projeto.

#### **3.2 Justificativa**

Sabe-se que a leitura e a escrita têm na educação uma função social, enfatizada na comunicação entre as pessoas, e ambas devem ser adquiridas desde cedo e praticadas de várias formas. Sendo assim, é importante que a criança tenha acesso a diferentes tipos de textos, onde ela construirá sua aprendizagem. Até mesmo, as crianças não alfabetizadas podem usufruir desta proposta, pois, inicialmente com a leitura de imagens, observação da direção de escrita estarão desenvolvendo habilidades na oralidade, interpretação e assim se apropriarão dos componentes para a aprendizagem da leitura e escrita.

Diante da perspectiva de que a leitura é fundamental, e que a escola possui um papel importante nesse processo do hábito da leitura nas crianças, considera-se importante a realização do presente projeto. Através da contação de histórias, o aluno entra em um mundo de magia, brincando com palavras, expressando seus sentimentos, deixando por alguns instantes de ser ele mesmo, para entrar no mundo das personagens, desenvolvendo assim o prazer pela leitura.

#### **3.3 Problematização**

Desde muito cedo a contação de histórias esteve presente na vida humana, o

homem sentiu necessidade de partilhar seus costumes, crenças, e sua cultura, assim as histórias foram surgindo e com o passar dos tempos transmitidos como herança familiar. Era comum as famílias se reunirem para contar e ouvir histórias depois das refeições, também a noite e principalmente antes das crianças dormirem. Dessa forma, essa prática permaneceu por muito tempo, crianças e adultos faziam da hora da história um momento inesquecível.

Hoje convivemos com inúmeras mudanças, principalmente com os avanços tecnológicos, os pais que por diversos momentos partilhavam as histórias infantis com seus filhos, algumas vezes por trabalho ou de não dispor tempo suficiente, acabam oferecendo as crianças meios de “distração” como jogos, internet e jogos modernos. Assim, sem incentivo as próprias crianças buscam sempre mais novidades para fazer parte do seu mundo e dessa forma, uma atividade que antes era frequente “a arte de contar histórias” vai se perdendo ao longo do tempo.

É preciso que os próprios pais sejam responsáveis para dar continuidade ao trabalho educativo e a participação da família nos assuntos voltados para a educação é de extrema importância. Por diversos momentos na nossa trajetória do curso em Licenciatura em Pedagogia, nos estudos voltados para a literatura infantil, compreendemos que através das histórias as crianças desenvolvem habilidades essenciais para a vida e nos perguntamos se os pais ainda contam histórias para seus filhos.

Nos indagamos nos momentos em que pensamos. Qual a importância da contação de histórias? Qual a função da escola e dos pais? Qual a importância de em sala de aula trabalhar assuntos diversificados, tais como histórias, meio ambiente...? Qual o resultado desses trabalhos nas crianças?

### **3.4 Objetivos**

Provocar a curiosidade e conseqüentemente, o gosto e o hábito pela leitura.

Fazer com que eles percebam que são capazes de contar, interpretar e reescrever o que foi lido e trabalhado.

Desenvolver o senso crítico e a criatividade.

Desenvolver a linguagem oral;

Estimular o gosto pela leitura;

Desenvolver raciocínio lógico;

Envolver as crianças num mundo de fantasias e imaginação;  
Melhorar a interação, comunicação das crianças.  
Compreender a música como linguagem e manifestação cultural;  
Apresentar a música como recurso na contação de história;  
Recontar histórias com o auxílio da música.

### **3.5 Conteúdos**

Linguagem oral e escrita;  
Valores;  
Família;  
Movimento;  
Conversas formais e informais;  
Estratégias de leitura;  
Comparação de características e comportamentos entre os seres humanos;  
Entrevistas;  
Pesquisas;

### **3.6 Processo de desenvolvimento**

O projeto será composto de três etapas: a introdução (apresentação dos temas para cada turma), desenvolvimento (elaboração dos trabalhos) e conclusão (apresentação pro grande grupo). Cada série terá um tema para ser trabalhada no individual, música, fotografia, livro, teatro, mas todos os temas envolvendo a contação de histórias.

1º ano: música na contação de histórias; a música desperta a criança, trabalha a sensibilidade, a criatividade, o senso crítico, a imaginação, a memória, a concentração, a atenção.

Trabalhar com a história MEU MERLINHO, que é assim....

“O merlo é um pássaro que vive na Europa. Tem o canto mais apreciado e mais esperado, pois anuncia a chegada da primavera. É um pássaro muito bonito, e ele é preto, preto, pretinho como um carvão, com bico laranja.

E o merlinho é este filhotinho de merlo ..pequenino descobridor do mundo, que infelizmente tinha dois defeitos de personalidade que acabavam com ele!

Ele nasceu assim: DISTRAIDO E ENVERGONHADO!...

O problema da distração é que ele não sabia cuidar de si mesmo. Já no seu primeiro voo, ao sair do ninho, pum perdeu o bico! O Merlinho deixou seu bico cair la embaixo... Em cima da moita, onde o cucu casualmente estava pousado. O cucu impressionado com aquilo....Pegou o biquinho do merlo e já foi logo levando onde sabia que o merlo mais tarde retornaria.

No mesmo voo inaugural, o merlinho perdeu os olhos...Desta vez, caiu no lago...dentro do lago. Quem encontrou foi o peixinho dourado, que levou os olhos do merlo até á beira do lago, chamou a tartaruga e pediu que ela levasse ao ninho...Imagine quantos dias se passaram até que o Merlinho tivesse seus olhinhos de volta. Tadinho do Merlo!

Ainda no mesmo dia... Tão distraído que era o merlinho perdeu as asas. Quem encontrou? O urso marrom que passava por ali, bem quando as asas caíram... O urso muito responsável que era... Logo saiu a caminho do ninho...

Naquele voo trágico... O merlinho perdeu ainda o rabo nem podia mais se equilibrar para dormir nas arvores... Quem achou foi o esquilo que estava na janela da casinha do bosque... Bem naquela hora, chamado o Seu coelho pra fugir do caçador... Que ao passear por ali... Encontrou também as patas do merlinho.

Naquele bosque todos os bichinhos sabiam: o merlinho era mesmo distraído... Encontravam por ali seus pedacinhos. Tadinho do merlo... E era também tão envergonhado que nem cantava. Sendo herdeiro daquela magnifica voz, e daquele magnífico visual... Não conseguia encantar ninguém...

Tanto foi e tanto fez, e tanto ele perdeu e tanto se achou que num dia aconteceu. O merlinho perdeu a vergonha. E a partir daquele dia, sem aquele monte de vergonha no coração ele se tornou um merlo CANTOR CANTADOR, CONTADOR E ENCANTADOR e era tão lindo o seu canto que até de perder ele se esqueceu. Já não se via mais pedacinhos do merlo perdidos pelo bosque..."

Essa é a historia de merlo, que pode ser trabalhada de diversas formas, na elaboração do merlo, o passarinho preto com o bico alaranjado, tentar descobrir qual o som do canto do merlo...e após isso cantar a música....

“Meu Merlinho” (Tradução Rosy Lied -2008)

O merlo perdeu o bico / como ele bicará? ( 2x )

O merlo perdeu o bico, tadinho do meu merlinho,  
Como ele bicará? (2x)

Os olhos – verá?

As asas – voará?

O rabo – Dormirá?

As patas – Saltará!

Tadinho do merlo, tadinho do merlo, tadinho do meu merlinho!

2º ano: Histórias dos vovôs

Os alunos deverão fazer uma pequena entrevista com seus avós, perguntando como era a vida deles quando eram crianças, se estudavam, com o que brincavam, o que mais gostavam de fazer. Aliás, os vovôs são os maiores contadores de história que se pode conhecer, muitas e muitas histórias eles presenciaram e contam nos dias atuais. Realizar a entrevista e apresentar para os colegas, repassando as experiências realizadas. Apresentar no grande grupo expondo as entrevistas e escolhendo algumas para serem apresentadas oralmente.

3º ano: o lugar onde vivo, é o melhor lugar do mundo;

Trabalhar as histórias através de fotografias, cada aluno escolhe se prefere tirar uma foto do lugar onde vive, ou se já tem alguma foto de como era antigamente o lugar onde vivia. A fotografia eterniza momentos e mantém viva a história de algo ou momentos marcantes. Como a música diz, “Morro, num país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza!”, expressar e contar as belezas da natureza.

Em círculo, cada aluno traz a foto e conta a historia de seu lugar, após elaborar um cartaz com as fotos de todos os alunos.



4º ano: histórias de improviso

As histórias de improviso despertam a criatividade, a imaginação e a liberdade. Antigamente existiam os círculos de cultura, que substituíam as salas de aula, todos eram posicionados em um círculo, onde todos se viam, e era designado de cultura por haver interação do homem com a realidade, recriando e buscando um lugar no mundo. Visava o processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita e se concretizava de assuntos cotidianos, valores éticos, trabalho, cidadania, alimentação, liberdade, entre outros. E a busca desse tema nos dias atuais deve ocorrer, libertando a cabeça das crianças.

Em um espaço livre pegar uma caixa cheia de objetos diversos, livros, lápis, bonecas, flores, ursos, etc..., e cada aluno pegar um objeto e ir formando uma história, interagindo um com outro.

5º ano: interpretação de texto. Livro de Cecília Meireles, Ou Isto Ou Aquilo.

Este clássico da poesia brasileira é uma ótima forma de introduzir esse gênero literário às crianças, pois é de fácil compreensão e gostoso de ler. Os poemas abordam temas relacionados ao universo infantil e suas fantasias – jogos, brincadeiras, animais etc. Cantigas de ninar, cantigas de roda e trava línguas são formas de expressão muito próximas do mundo da criança. Em Ou isto ou aquilo, Cecília Meireles utiliza de forma inigualável estes e outros recursos. A autora joga com as palavras, criando um universo encantador, e, de maneira leve, coloca a criança diante dos caminhos a seguir. A autora resgata o universo infantil, permeado por perguntas imprevisíveis, monólogos, situações surpreendentes, comparações incomuns, em que a fantasia e a imaginação estão sempre presentes.

Trabalhar as poesias, trava-línguas e interpreta-las.

Leilão de Jardim!

Quem me compra um jardim com flores?

borboletas de muitas cores,

lavadeiras e passarinhos,

ovos verde e azuis nos ninhos?

Quem me compra este caracol?

Quem compra um raio de sol?

Um lagarto entre o muro e a hera,  
Uma estátua da Primavera?  
Quem me compra este formigueiro?  
E este sapo, que é jardineiro?  
E a cigarra e a sua canção?  
E o grilinho dentro do chão?  
(Este é o meu leilão!)

As Meninas

Arabela

abria a janela.

Carolina

erguia a cortina.

E Maria

olhava e sorria:

"Bom dia!"

Arabela

foi sempre a mais bela.

Carolina,

a mais sábia menina.

E Maria

apenas sorria:

"Bom dia!"

Pensaremos em cada menina

que vivia naquela janela;

uma que se chamava Arabela,

outra que se chamou Carolina.

Mas a nossa profunda saudade

é Maria, Maria, Maria,

que dizia com voz de amizade:

"Bom dia!"

### **3.7 Tempo para a realização do projeto**

O projeto acontecerá da seguinte forma: será voltado 2 dias por semana para trabalhar com os objetivos propostos, individualmente em cada série, durante 3 semanas. No final de cada atividade individual, será escolhido um dia para a amostra das atividades. Um dia de muitas histórias, de apresentações com músicas, teatros, improvisação envolvendo todas as turmas participantes do projeto.

### **3.8 Recursos humanos e materiais**

Livros, papel, lápis, rádio, câmera digital, objetos diversos (bolas, bonecos, flores, caixas....), fotos, cola, tesoura, cartolina, canetão, canetas.

### **3.9 Avaliação**

A avaliação é um processo formativo e contínuo.

É imprescindível enxergar com novos olhos o universo mágico e encantador dos livros em sala de aula e, conseqüentemente, entendendo-se aí toda a prática cotidiana do aluno.

A avaliação dos alunos durante o Projeto acontecerá mediante observação de alguns aspectos: interatividade, participação compartilhada, trabalho em equipe e o desenvolvimento dos alunos em relação aos avanços do uso da linguagem oral e escrita.

Reconhecer elementos próprios à organização dos textos, suportes e a correspondência com imagem.

Observar o desenvolvimento dos alunos em todas as atividades propostas de acordo com os objetivos.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Sendo a escola um lugar de construção e reconstrução de conhecimentos, deve dar especial atenção à contação de histórias, pois ela contribui na aprendizagem escolar em todos os aspectos: cognitivo, físico, psicológico, moral ou social, proporcionando um maior desenvolvimento perceptivo no aluno. Sobre suas vantagens, foram destacadas a aprendizagem de conteúdos, a socialização, a comunicação, a criatividade e a disciplina.

Estabelecendo a relação entre os dados, observamos que a importância das histórias na escola se deve ao fato de ela proporcionar o desenvolvimento da motricidade, do raciocínio, o fortalecimento da autoestima, além da função lúdica. Visto a relevância da contação de histórias na escola, será importante a continuidade deste estudo com novos enfoques sobre contação de histórias e suas contribuições.

Neste projeto, enfatiza-se que a fantasia, a imaginação, tem importância fundamental no desenvolvimento da criança e que compreender a infância, é defender que cada criança é única e que possui formas de pensar e agir diferentes dos adultos. Ouvir e contar histórias é uma atividade que dentre outras, pode desenvolver o emocional da criança, ajudá-la a se organizar e socializar além de auxiliá-la no processo de alfabetização. Assim os contos de fada são considerados um instrumento pedagógico prazeroso e de grande auxílio no processo de construção da aprendizagem da criança.

Além disso, a história permite o contato das crianças com o uso real da escrita, leva-as a conhecerem novas palavras, a discutirem valores como o amor, família e trabalho, e a usarem a imaginação, desenvolvem a oralidade, a criatividade e o pensamento crítico, auxiliam na construção da identidade do educando, seja esta pessoal ou cultural, melhoram seus relacionamentos afetivos interpessoais e abrem espaço para novas aprendizagens nas diversas disciplinas escolares, pelo seu caráter motivador sobre a criança. Por isso é indispensável que o educador tenha conhecimento dos benefícios dessa prática sobre o desenvolvimento infantil, e saiba utilizá-lo adequadamente em sala de aula no ensino e aprendizagem dos seus educandos, como potencializadora dos conteúdos trabalhados e ferramenta interdisciplinar, e não apenas por isso, mas também como uma fonte de prazer, conhecimento e emoção, onde o lúdico se torna um eixo condutor no estímulo à

leitura e à formação de uma geração leitora e escritora de alunos. Entrar em sala de aula deveria ser considerado um ato sagrado; deveríamos estar em sintonia com o Conhecimento, com o Criador e com a alegria de viver, de exercer um ofício condizente com os nossos desejos mais sagrados (RIBEIRO, 2008, p.20).-

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: Gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1989.

BUSATTO, Cléo. A Arte de Contar Histórias no século XXI. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2006

PRIETO, Heloísa. Quer ouvir uma história: Lendas e mitos no mundo da criança. São Paulo: Angra, 1999. Col. Jovem Século XXI.

VILLARDI, Raquel. Ensinando a gostar de ler: formando leitores para a vida inteira. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1999.

Parâmetros Curriculares Nacionais, segundo Cecília Galvão e Heloisa Pacheco (CGC Educação (12.07.2008):

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. 5. ed., São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1989.

PIAGET, J. Psicologia e pedagogia. 2<sup>o</sup>ed. Rio de Janeiro: Forense, 1972.

SOUZA, Roselena Siviero de; CORDEIRO, Luciana Peixoto. Escolas Infantis: leitura e escrita. Rio Grande do Sul: Edelbra, 1999.

MEIRELES, Cecília. Problemas da Literatura Infantil. São Paulo: Summus, 1979.

MACHADO, Ana Maria. Como e Por que ler os Clássicos Universais desde Cedo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

BUSATTO, Cléo. Contar & encantar: Pequenos segredos da narrativa. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

ARROYO, Leonardo. A Cultura Popular em Grande Sertão: Veredas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

AZEVEDO, Ricardo. Formas literárias populares e formação de leitores. In: BARBOSA, Márcia H. S.; RETTENMAIER, Miguel; RÖSING, Tânia M. K. (Org.). Leitura, identidade e patrimônio cultural. Passo Fundo: UPF, 2004.

## ANEXOS

### O CONTADOR DE HISTÓRIAS O CONTADOR DE HISTÓRIAS –

Conta-me uma história – pedia-lhe a moça. - Tenho de pensar! – respondia-lhe. Ora, acontecia que, por vezes, o tempo que levava em sua meditação era longo demais para ela, que se zangava. Mas ele balançava a cabeça e respondia impassível: - Você deve ter um pouco mais de paciência. Uma boa história é como uma boa montaria. A caça brava fica escondida e é preciso armar emboscadas e ficar de tocaia horas e horas a fio, na boca dos precipícios e florestas. Os caçadores mais apressados e impetuosos afugentam a caça e nunca obtêm os melhores exemplares. Deixa-me, pois, pensar! Mas, desde que tivesse meditado o tempo bastante e começasse a falar, não parava enquanto não tivesse contado a história completa, que corria ininterrupta e fluente como um rio descendo montanha abaixo e em cujas águas tudo se reflete – desde a pequena folha de grama até o azul da abóbada celeste(...). Convertia-se num ser todo-poderoso assim que iniciava mais uma demonstração de sua arte, pois aprendera a arte de narrar no Oriente, onde essa função é altamente apreciada e seus praticantes são considerados uma espécie de magos. Jamais começava suas histórias em países estranhos, para onde o espírito do ouvinte não podia voar com força própria. Principiava sempre com algo que os olhos pudessem ver; depois, imperceptivelmente, levava a imaginação dos ouvintes para onde muito bem ele queria de modo que a narrativa transcorria com naturalidade. Quem o escutava absorto em suas palavras, embora continuasse tranquilamente sentado, o espírito já vagava. Alegre e receoso, pelas regiões mais fascinantes. Assim era a maneira de ele contar suas histórias.

Herman Hess

“Para ensinar a criança, o professor precisa usar a cabeça, mas para a criança aprender, o professor precisa usar o coração.”

Estevão Marques

